

**uma cidade
com todas
as cores
possíveis**

SYMMY LARRAT

é puta, travesti, mulher, feminista, nortista, paraense, foi coordenadora nacional LGBTI no governo Dilma, antes do golpe. Coordenou o programa Transcidadania da prefeitura de São Paulo e hoje é presidenTRA da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Pessoas Intersexo.





Nos foi dada a missão de responder a seguinte pergunta:

“Como, a partir do projeto de sociedade feminista, antirracista, LGBTQIA+ etc., que orienta sua ação, podemos criar um projeto coletivo de Cidade acessível, segura, e sem nenhum tipo de discriminação?”

Não sei se um dia viveremos numa sociedade sem nenhum tipo de discriminação, mas quero acreditar que é possível construir uma sociedade onde a opressão não será a base de sustentação, nem tampouco a mola propulsora das relações entre as pessoas.

A estrutura patriarcal que impõe a opressão cisheteronormativa, além de outras, como estratégia de manutenção do poder nas mãos de poucos, impõe a nós a vivência em guetos ou nos permite experimentar a cidade desde que nos tornemos invisíveis em posturas e formatos que denominamos de armários.

É comum assistir pessoas que fogem para os centros urbanos em busca de isolamento perante aqueles com os quais cresceram e que julgam constantemente sua forma de existir. É assim quando saem do campo ou da floresta para a cidade, e da cidade para as metrópoles, onde se deparam com mais possibilidades de emprego e de acesso às tecnologias de adequação do corpo a sua identidade – como é o caso das pessoas trans.

Não é por estarem em grandes centros urbanos que as pessoas LGBTI+ estão livres das violações e violências. A realidade de travestis que migram para estes centros urbanos para sobreviverem e, dessa forma, buscam na prostituição essa possibilidade, ainda é recheada de relatos dessas agressões. São, sobretudo, nas esquinas brasileiras que ocorrem as ofensas, agressões, e inclusive assassinatos e a opressão policial, ou seja, o modus operandi de relação da cidade com nossas vivências continua repleto de violências, ainda mais com a narrativa de ódio ocupando o Palácio do Planalto e os legislativos em todas as esferas do poder.

A migração forçada que nos empurra aos centros urbanos também se reproduz nestes espaços e nos divide territorialmente nas cidades, em locais insalubres, ou em guetos onde possam nos encontrar de forma mais suscetível às violações e violências que a sociedade e o estado perpetram sobre nossas existências.

Mesmo ainda sendo lugares de violência, são nos centros urbanos que – ao encontrarem maior número de semelhantes – as pessoas LGBTI+ podem juntas se rebelar contra o CIS-tema. Foi assim em 9 de agosto de 1983, quando dezenas de lésbicas se reuniram no Ferro's Bar, em São Paulo, e protestaram contra a discriminação que haviam sofrido ali, quando os donos do estabelecimento proibiram de forma truculenta a circulação do periódico ChanaComChana, e chamaram a polícia. Este episódio ficou conhecido como “Stonewall brasileiro” – em referência ao protesto no bar homônimo dos EUA – e inspirou a criação do dia da visibilidade lésbica no Brasil.

Assim como em Stonewall, é óbvio que a organização política das manas LGBTI+ brasileiras não começou nesse episódio do Ferro's Bar, mas é inegável que a narrativa do orgulho começa a se expandir a partir dali. E a narrativa do orgulho é a nossa narrativa de resistência, de resignificar a narrativa de que somos pecado e/ou vergonha.

Por isso, há de se lutar por acesso, respeito e cidadania.

Assim, vamos nos somando e resistindo para existirmos nas cidades, e continuamos resistindo até hoje. São importantes também, para isso, programas públicos como o Transcidadania – da Prefeitura de São Paulo – que promove o retorno à trajetória escolar concedendo bolsas a pessoas trans, forçando os espaços públicos a conviverem com uma diversidade antes negada no espaço da cidadania e permitindo que os demais cidadãos olhem estas pessoas como iguais em relação ao acesso.

Promover diálogos e encontros imprevisíveis como estes, para além de uma forma de cuidado, são também impulsionadores de uma nova realidade que antes era vista como impossível, gerando esperança e outro colorido ao cinza das grandes cidades. As políticas públicas (atualmente em desconstrução) são importantes exatamente para resetar essa lógica de cidade fatiada.

E é assim que vamos ocupar os lugares que nos impedem de estar! Com Ousadia! Um beijo não deveria incomodar tanto, um aperto de mãos ou troca de afetividades não deveria incomodar, mas enquanto isso ocorrer, vamos tomar as ruas mostrando nosso orgulho em ser e amar.

Não somente em São Paulo o colorido das paradas atingiu recorde de participação, mas em todo o Brasil: ninguém aguenta mais a devolutiva violenta que estamos vivenciando de tanta perseguição e de tantos assassinatos com requintes de crueldade, e, para que não nos empurrem de volta aos armários, não há outra saída a não ser a de ocupar as ruas da cidade, com arte, cultura, fervo, luta ou simplesmente com nossas existências, mas juntas e com estratégias de defesa, cuidado mútuo e de autocuidado, mas sem deixar de colorir as cinzas que querem impor ao cenário, já tomado por concreto, de nossas cidades.

A migração forçada que nos empurra aos centros urbanos também se reproduz nestes espaços e nos divide territorialmente nas cidades, em locais insalubres, ou em guetos onde possam nos encontrar de forma mais suscetível às violações e violências que a sociedade e o estado perpetram sobre nossas existências.

MAPIRI

HOPIA FIDIAS
PRA



VAMOS TOMAR AS RUAS
MOSTRANDO NOSSO
ORGULHO EM **SER E AMAR.**